

DA VIOLÊNCIA LIBERTADORA A OUTRAS VIOLÊNCIAS: SOCIOLOGIA HISTÓRICA DO HAITI

Resumo

Amiúde as pessoas se perguntam se o ser humano nasce violento ou se ele o se torna? Ou, será que é normal ser violento? Devemos entender, primeiro, que ser violento é um estado latente e uma escolha que as circunstâncias impõem. Se a violência é vista como comportamento social anormal é que a sociedade em si é anormal, pois, a história da humanidade demonstrou que a violência é um fato social que se inscreve numa dinâmica negacionista da palavra e do discurso e responsiva pela libertação do ser oprimido da escravidão por exemplo. O objetivo deste artigo é discutir o aspecto libertador da violência e pensar a violência libertadora como exclusivamente reservada à liberdade, e, quando é usada a outro fim, o resultado pode ser nefasto. A formação social e histórica da sociedade haitiana comprova isso.

Palavras-chave: Violência. Liberdade. História

Abstract

Often people wonder if the human being is born violent or if he becomes violent? Or is it normal to be violent? We must first understand that being violent is a latent state and a choice that circumstances impose. If violence is seen as abnormal social behavior, it is that society itself is abnormal, because the history of humanity has demonstrated that violence is a social fact that is inscribed in a negationist dynamic of speech and discourse and responsive to the liberation of the oppressed of slavery for example. The objective of this article is to discuss the liberating aspect of violence and to think of liberating violence as exclusively reserved for freedom, and when it is used for another purpose, the result can be harmful. The social and historical formation of Haitian society proves this.

Keywords: Violence. Liberty. History.

É indiscutível que Haiti tenha uma história fascinante de revolução social e política marcada tanto por momentos tristes e gloriosos quanto por conflitos e violências intestinas, na qual se entremeiam violência e escravidão, fatos sociais inseparáveis. Tudo começou no século XV quando o mundo estivesse assistindo com cumplicidade a exterminação maciça e sistemática de três milhões[1] de Índios na parte oriental da ilha do *Ayiti*. A ínfima quantidade que sobreviveu deste genocídio – não menos do que 2000 – se refugiou nas montanhas. Lá eles morreram resistindo (NAU, 1854, p. 200-217). Era o triunfo da barbárie sobre a humanidade. Com efeito, da resistência indiana até a proclamação da independência nacional em 1804 passando, com certeza, por todas as formas de luta possível: suicídio coletivo[2], revolta geral, quilombola, rebeliões sucessivas, lutas clandestinas, Haiti permanece a terra da melhor lição de resistência, de esperança e de liberdade. No seu sofrimento, se entrecruzam duas raças humanas (africanos e europeus) em conflitos, mas condenados a partilhar uma história ancorada de violências, de lutas, de crimes, mas também de glória e de heroísmo.

Os escravos africanos, ao substituírem os Índios, demonstraram que tinham capacidades físicas, humanas e materiais para levar uma luta violenta de dois séculos e meio pela liberdade, pelo direito e pela dignidade humana. Uma violência libertadora nasce num momento crucial em que esta

raça enérgica, incansável e inesgotável, que nunca se deixou dizimada pela escravidão apesar de ser feroz e mortífera, se convenceu da sua força física e quantitativa de lutar (NAU, op. cit. p. 26-27). Toda forma de violência era necessária para sair desta opressão escravagista. A lógica da colônia quer que a liberdade triunfe da violência e dos conflitos. Máquina de sangue, a escravidão criou no escravo um ser violento. Nesse sentido, Madiou declarou:

Les colons, les capitaines-généraux Leclerc et Rochambeau avaient exercé tant de cruautés sur les indigènes, que ceux-ci se faisaient, pour ainsi dire, une vertu de rendre aux Français crime pour crime. Ils étaient devenus aussi féroces que leurs persécuteurs. Peut-on s'étonner des vengeances exercées par celui que l'esclavage a rendu cruel? Mais quant au général Rochambeau, il appartenait à un peuple vieilli dans la civilisation[3] (MADIOU, 1989, p. 129).

Tal é a característica da violência libertadora e emancipadora pouco tratada na problemática das violências sociais. O mérito cabe, no entanto, a Frantz Fanon (1961) por chamar atenção do mundo sobre o fato de que a violência do oprimido é libertadora e não é nada que uma resposta proporcional à violência do colon. Aqui não se trata da dimensão devastadora e destruidora da violência nem da sua apologia, mas do seu aspecto revolucionário e emancipador. Duas palavras resumem então as cenas de violência e de conflitos na vida social dos escravos africanos na colônia de Santo Domingo: opressão e libertação, ambos impregnados de contradição, rivalidade e conflito de interesse e de classe. Tanto na opressão como no processo de libertação a violência é absoluta e impiedosa. Na colônia de Santo Domingo violência e conflito eram frequentes e andavam juntos.

No contexto histórico-colonial de violência feroz, o pessimismo jamais acaba com o otimismo dos escravos que, em resposta a esta violência, organizam, clandestinamente, suas lutas pacíficas antes de recorrer à violência pela recusa definitiva da metrópole de abrir mão. A política colonial de não dialogar era a causa fundamental da amplificação e da multiplicação das violências dos escravos, mas era também um elemento catalisador da sua libertação. De fato, as guerras revolucionárias ocorreram num contexto decisivo, de um lado, do enfraquecimento da metrópole tanto em matéria de quantidade dos soldados cujo estado de saúde era caótico quanto em matéria de munições, do número incalculável de escravos que aderiram às lutas revolucionárias pela liberdade. Tal liberdade adquirida nas guerras precisará, logo depois, ser consolidada e protegida contra os conflitos políticos e violências sociais internos.

Esta saída inevitável desses séculos de violência colonial constitui uma etapa importante na defesa dos Direitos Humanos, da justiça social, da igualdade entre as raças, da soberania e da valorização dos valores sociais dos povos. Era também crucial para transcender e motivar espiritualmente outros povos. Quem neste mundo pode esquecer o apoio desta nação negra aos povos latino-americanos? Que sua libertação era contaminadora e inspiradora para os povos oprimidos? Desde a aurora, sua história se inscreve numa dinâmica de violência e de conflitos sem início sem fim. Se na colônia a violência era um instrumento de libertação, ela se tornou o principal obstáculo da nova nação independente em 1804, que nasceu com grandes dilemas econômicos, diplomáticos, políticos e sociais, com conflitos e rivalidades intrínsecos causados por fortes interesses particulares.

A defesa dos interesses pessoais em detrimento dos interesses coletivos é uma herança do período colonial. Com efeito, durante o período opressivo, os brancos e os libertos eram os principais grupos sociais rivais na colônia. Eles se entendem raramente, só, por exemplo, quando for preciso conspirar contra os escravos. É que seus interesses eram divergentes. Enquanto os brancos querem continuar no controle da colônia embora ausentes, os libertos reivindicam sua igualdade com eles e seu direito de gozar os mesmos privilégios que eles. Nesta conjuntura, os escravos eram as principais vítimas e era impossível para eles definir seu próprio modelo de sociedade, pois, a sociedade colonial já é muito desigual, discriminadora, opaca, violenta e conflituosa. A opressão e a violência dos colons ingleses, espanhóis e franceses de Santo Domingo eram insuportáveis demais e nasceram num contexto de conflitos mundiais pela hegemonia racista europeia. Os escravos africanos sofrem duplamente a violência colonial por serem negros e africanos.

Particularmente, quando, a partir do século XVII, os Franceses ocuparam a parte ocidental da ilha – a atual República do Haiti – as rivalidades pelo comércio internacional entre os diversos países europeus já eram numa fase muito avançada. A revolução haitiana não é isolada deste contexto internacional. Com efeito, os conflitos e as violências que afligiram a França foram uma grande vantagem para que as guerras independentistas e libertadoras nas colônias possam se amplificar ganhando força e colocando a metrópole numa situação delicada. É claro que os escravos tenham aproveitado dos movimentos sociais, políticos e intelectuais – as Luzes – que estavam acontecendo na Europa para compelir a França a proclamar a liberdade para todos. A vaga incessante de proclamação da liberdade até, em 4 de fevereiro de 1794, a abolição geral da escravidão nas colônias francesas resulta, segundo Vertus Saint-Louis (2008), da força das insurreições dos escravos num contexto de guerras civis intestinas e de rivalidades internacionais pelo comércio do mundo.

La colonie française de Saint-Domingue, partie occidentale de l'île d'Haïti, nous a paru insérée dans un réseau International de conflits entre les grandes puissances d'Europe, rivalisant pour la domination du commerce de la planète et de l'exploitation de ses ressources humaines et matérielles. Nous avons associé l'avènement de la liberté de 1794 dans la colonie de Saint-Domingue au mouvement des Lumières de l'Europe, aux commotions sociales et politiques qui secouent la France depuis 1789, et aux guerres de la révolution française qui éclatent en 1792 et 1793[4] (SAINT-LOUIS, 2008, p. 3).

As lutas revolucionárias permitiram a Haiti não somente de entrar triunfalmente no concerto das nações, mas também abriram o caminho da rebelião na busca da liberdade e da dignidade. Era um combate em toda sua crueza contra o racismo feroz, o colonialismo e o escravagismo mais cruéis das potências colonizadoras europeias. Os escravos africanos ao vencerem, em 1803, direta e fisicamente França, Inglaterra e Espanha conquistaram sua liberdade e independência. Era um sinal inspirador e catalisador de libertação geral para todos os outros povos colonizados e explorados da terra. As lutas haitianas pela justiça social, pela liberdade e pelo respeito do direito e da dignidade humana se inscrevem doravante na história universal de uma sociedade livre e democrática.

Mas, na sociedade liberada das opressões coloniais, a violência como arma de liberdade se torna arma contra esta mesma liberdade mais os conflitos sociais e políticos internos por interesses individuais. No Haiti livre e independente encontramos tipos de violência e conflito variados, mas descontrolados e nunca resolvidos, que comprometeram a formação da equipe governamental

interrompida pelo assassinato brutal do líder principal, Jean-Jacques Dessalines, tal assassinato agravou as rivalidades políticas infinitas. O problema da institucionalização dos nossos conflitos internos data da construção social desta sociedade. Mas, qual era o modelo de sociedade os novos livres queriam construir?

Uma sociedade livre, igualitária, totalmente liberada de escravos, de explorados, de opressão, de servidão, enfim, uma sociedade justa em que tudo mundo possa gozar do fruto da independência, em que tudo mundo possa ter a igual chance de ter sucesso social. Mas, era um ideal levando em conta a fragilidade da sociedade pós-colonial que, finalmente, era, por ensaio e erro, uma continuação e uma reprodução típica da sociedade colonial. Com efeito, na sociedade independente as rivalidades radicais brancos e libertos foram substituídas pelos conflitos de interesses entre os principais heróis das guerras libertadoras que, em detrimento do resto da população, querem confiscar todos os recursos materiais e naturais existentes. A luta de classe e a discriminação pela cor da pele e pela raça jamais foram tão cruéis.

Com uma população quase 100 % analfabeta, com um minúsculo grupo de intelectuais determinados, formar uma nação, construir uma sociedade até criar um ideal político na base do qual nascerão os grandes projetos sociais, econômicos e políticos, era a tarefa mais difícil. Ora, isso se tornava ainda mais difícil num clima de violência, de conflitos internos, de ameaças externas (reais ou imaginárias) que se transformam em uma espécie de obsessão. As principais ameaças e os maiores obstáculos ao desenvolvimento do país eram mais interiores ao próprio sistema social e político do que exteriores. Como lutar contra as forças exteriores sem estar em harmonia, em união e em unidade com as forças interiores? Um reino dividido pode subsistir? Como pretende-se mudar o mundo na discórdia e na divisão?

Xavier sustenta que a violência pode tomar várias formas e, além disso, em toda sociedade ela pode, não somente, ser de tipos diversos, mas também responder a funções múltiplas (XAVIER, 2008). É o caso, de um lado, da escravidão, da ditadura e da guerra, as formas de violência mais frequentes do mundo moderno e que têm por função a destruição da humanidade. Do outro lado, temos a violência simbólica que domina as sociedades contemporâneas de hoje, sua função seria a desvalorização e o desconhecimento do ser humano. A escravidão e a ditadura resumem perfeitamente esta história social e política de violência na sociedade haitiana. A elas se opõem as revoltas e as lutas populares, outro tipo de violência com outra função e missão.

Trata-se aqui de uma oposição entre a violência que desumaniza e aquela que permite reconquistar esta humanidade, uma violência de perda da liberdade e da dignidade diametralmente oposta a uma violência pela reconquista destes valores inalienáveis. A violência libertadora sempre se opõe à violência opressora; a violência reumanizante é o antídoto da violência desumanizante. Vertus Saint-Louis (2008, p. 36), diria liberdade moderna oposta à liberdade do direito natural dos povos. Todo povo ou todo grupo micro ou macrosocial constituído pode, em qualquer momento, mostrar seu caráter violento na medida em que sua existência, seus valores, seus interesses e seus direitos estão em perigo. É que a violência não é monopólio de ninguém, mas uma arma que cada sociedade pode usar no processo de sua construção social.

Após a colonização desumanizante que roubou na vida das pessoas o gosto da moralidade, da justiça e da convivência social, uma dinâmica constante de traição política entre dirigentes cria dentro do estado haitiano instabilidade crônica, imobilismo, desconfiança, superstição política e crise de poder. A corrupção sistêmica engendra a pobreza das massas, pior que a colonização. Ela desacredita o país na escala internacional com uma diplomacia muito menosprezada. Ela é fonte de miséria, exclusões sociais, insegurança, desrespeito, racismo, violência, prejuízos. É a ficha sociológica do Haiti desde dois séculos de história universal. O Haiti contemporâneo parece mais cruel do ponto de vista social do que o Haiti colonial no sentido de que, hoje, sua violência simbólica, social e política é a produção dos seus próprios filhos.

Hoje, podemos considerar que a delinquência infantil, juvenil e adulta, as violências coletivas urbanas com uma natureza subversiva e louca nos bairros populares constituem uma outra faceta desta violência emancipadora num outro contexto no sentido de que não são miséria, insegurança, pobreza, fome dos jovens que provocam esta violência, mas esta seria o grito deles para sair e emancipar-se deste estado abjecto e indigno. Infelizmente, essas imagens de miséria e de pobreza desonra Haiti, a nação mais fantástica da história mundial.

O país, após sair da colonização tinha que enfrentar um problema crucial de convivência social e coletiva. Na sociedade haitiana pós-guerra a violência de tipo colonial acabou, mas não a violência em si. Com efeito, ela passou a existir sob as formas intrínsecas, ou seja, as que nos produzimos e reproduzimos contra nos mesmos e que nos levam à nossa própria autodestruição. A violência externa que se traduzia pelas ameaças exteriores da comunidade internacional era uma ilusão, pois o comércio haitiano com as outras nações como Estados Unidos era sempre clandestino e desigualitário. Violência e conflito político provocaram a desorganização interna, a paralisação do Estado, por conseguinte, o verdadeiro freio ao desenvolvimento social, político e econômico do país, à vida coletiva e à socialização cultural e intelectual do ser haitiano. Para Edouard Robenson (2013), o principal problema da sociedade haitiana pós-colonial não era a violência em si, mas o desafio de saber viver coletivamente e de tratar sem violência e agressividade suas diferenças.

Todos os regimes ditatoriais passados até recentemente a ditadura dos Duvalier de 30 anos atrás se inscreveram nesta dinâmica de produção, de reprodução e de ré-reprodução da violência como arma de dominação e de permanência no poder. Nossa intolerância ilimitada acabou com a vida de todos aqueles que pretendem defender justiça social, democracia, liberdade e bem-estar social, começando pelos líderes mais influentes até o indivíduo mais comum. Tantas coisas degradantes e consternadoras marcaram a vida deste país e tendem a apagar sua história gloriosa que abriu com coragem, força e autoridade os caminhos da verdadeira liberdade e democracia na América.

É por isso que a violência numa sociedade “democrática” é moralmente mais cruel e inumana do que a num sistema colonial. Por quê? Porque no sistema colonial o escravo tem consciência da sua escravidão e sabe que, sem camuflagem e enganação, ele não tem liberdade nem direito à educação, à alimentação, à saúde, enfim, tudo depende da vontade do mestre. Isso é o fato concreto para a vida dele sem mentira num sistema dominado por aqueles que acreditam deter um direito natural de

domesticar e matar os outros. É a realidade da sua desumanização apesar da sua humanidade. Num tal contexto, a escolha é clara: submeter-se ou revoltar. Se a escravidão é um crime contra a humanidade, a miséria e a pobreza dessas massas que moram nas periferias populosas, miseráveis e insalubres como *Cité Soleil* o são também. É uma violência simbólica e uma colonização invisível. Numa sociedade extremamente desigual com 80 % dos indivíduos na pobreza, 60 % na pobreza extrema e 10 % detentores da maior parte das riquezas, nossa democracia é uma escravatura camuflada.

Sem, no entanto, cair num historicismo, num determinismo ou num essencialismo, mostramos, de maneira bem resumida, que se a violência era necessária para conquistar a independência e a liberdade, ela não pode sê-lo, no entanto, para consolidá-las e desenvolver o país. Nesse sentido, a violência e o conflito se entendem como uma etapa a franquear na existência de um povo, mas não a base ou a finalidade da sua organização social e administrativa. Em algum momento da vida de uma sociedade é fundamental que se saiba distinguir quando violência e conflito são a solução e quando são o problema. Sem esta distinção é a confusão absoluta.

Ora, nos anos cinquenta, outros caminhos se abriram para o país para um consenso nacional e uma conscientização social a fim de definir e resolver os grandes problemas ameaçadores da sociedade: pobreza, emprego e saúde. Mas, arrasado por violências e lutas intestinas pelo poder, até a solução mais simples era impossível. O país estava mergulhado numa recrudescência infinita de violência que o levou à ocupação norte-americana. A construção social e política da sociedade haitiana não é concebível sem a violência: social, política, simbólica, sexual, conjugal, então, é uma sociedade violenta. E, se a sociedade haitiana é, na sua essência, uma sociedade violenta e conflituosa, o lugar de *Cité Soleil* é muito importante neste debate. As violências e os conflitos que se produzem lá têm algumas particularidades.

É claro que *Cité Soleil* – como qualquer outro município onde as violências coletivas e os conflitos armados são endêmicos – seja um produto da história contemporânea da sociedade haitiana, e está reproduzindo as mesmas formulas de respostas violentas às necessidades sociais e econômicas. As particularidades das violências e conflitos em *Cité Soleil*, é que, primeiro, eles nascem num contexto histórico contemporâneo de ditadura e de golpes de estado sucessivos, no qual as desigualdades sociais, as perseguições políticas, as exclusões sociais, a corrupção, as fugas dos intelectuais, as violências políticas, as violências sociais, estavam em neta recrudescência. Em segundo lugar, são confrontações violentas e armadas entre várias frações de grupos armados rivais que, não tendo interesses fixos, se colocam à disposição da demanda mais luxuriosa. Por fim, terceiro, eles são caracterizados por um nível de frequência e de repetição que nunca mudou de fonte nem de conteúdo, ou seja, uma perenidade de conflitos e de violência alternada.

É evidente neste caso que, uma sociedade de reprodução da desigualdade, da exclusão, da fobia, do racismo, da discriminação familiar e escolar, da corrupção, produza violência e criminalidade. Com efeito, a situação catastrófica dos bairros populares como *Cité Soleil*, *Martissant*, *Bel Air*, *La Saline* já são uma comprovação palpável e visível dos efeitos desastrosos da violência e dos conflitos armados que, na nossa análise, são uma prorrogação, uma continuação e uma

reprodução dos conflitos políticos que acontecem em nível mais alto das instituições sociais e políticas. Falando de violências coletivas e conflitos armados de natureza urbana no Haiti contemporâneo, *Cité Soleil* é o bairro que, nos últimos dez anos, tem o registro mais alarmante: 104 homicídios em 2010, 110 em 2012, com 80 % pelas armas de fogo. Ele representa 22 % de todos os crimes cometidos nas zonas metropolitanas.

Com efeito, desde os anos 1990 *Cité Soleil* se torna um bastião de violência e de conflito armado entre grupos rivais que, na verdade, têm um objetivo idêntico: ser o líder hegemônico de *Cité Soleil*. A intervenção da polícia nessas rivalidades seria diminuir seus impactos nefastos sobre a população. Porém, às vezes ela cria mais problema do que resolve levando a população a uma violência policial. Por sua posição geográfica, sua história, suas características, sua composição social, seu ambiente, sua habitação, sua vulnerabilidade, *Cité Soleil* – mesmo se não seja o único bairro violento do país – é um caso interessante para compreender a essência da violência e do conflito na sociedade haitiana assim como o problema da institucionalidade que os afetam.

É importante entender que a lógica dos conflitos armados em *Cité Soleil*, da sua frequência e repetição e da permanência dos grupos armados traduz a transição da violência libertadora às outras violências que bloqueiam a sociedade. As razões pelas quais os grupos rivais se confrontam entre si numa municipalidade tão pobre e miserável, onde 80% da população vivem na pobreza extrema, não são dialectizadas. Seria muito fácil ou simples responsabilizar unicamente os grupos armados sem olhar, de um lado, a incompetência e a incapacidade do governo de resolver este problema que fragiliza ainda mais as condições sociais e econômicas dos grupos vulneráveis. Do outro lado, olhar os grupos armados numa perspectiva criminosa sem entender que eles são o primeiro centro de socialização das crianças em *Cité Soleil*, que eles são constituídos de jovens com inteligência, racionalidade, objetivo, reivindicação, ambição, motivação, interesses, mas em condição marginal e discriminadora, que pertencem a uma estrutura social violenta, é ir fora da complexidade do fenômeno.

Em suma, estamos falando aqui de jovens pais e responsáveis de famílias, sem maturidade, que têm obrigações biológicas, sociais e econômicas a satisfazer quotidianamente numa sociedade onde só acerca de 25 % de pessoas têm um emprego. Suas exigências domésticas como cuidar filhos e mulheres, comer, se vestir; exigências materiais como comprar bens, pagar aluguel, por fim, exigências sociais como festejar ou ajudar um parente, estão num impasse. Na ausência de trabalho, de emprego, de desenvolvimento social, como eles podem responder a todas essas exigências sem recorrer à violência e à criminalidade? Assim, a violência urbana em *Cité Soleil* não é libertadora, mas outras violências que traduzem a corrupção e a contaminação da violência libertadora incompreendida e mal explorada.

Referências

- EDOUARD, Robenson. **Violences et ordre social en Haïti: Essai sur le vivre-ensemble dans une société postcolonial**. Québec: Presses de l'université du Québec, 2013.
- FANON, Frantz. **Les damnés de la terre**. Paris: La Découverte, 1961.
- MADIOU, Thomas. **Histoire d'Haïti**. Tome III (1803-1807). Port-au-Prince: Henri Deschamps, 1989.

NAU, Émile. **Histoire des caciques d'Haïti**. Port-au-Prince: Fardin, 1854.

SAINT-LOUIS, Vertus. **Mer et liberté: Haïti (1492-1794)**. Port-au-Prince: [s.n.], 2008.

XAVIER, Crettiez. **Les formes de la violence**. Paris: La Découverte, 2008.

[1] Os historiadores e viajantes, contemporâneos da descoberta, não se concordam sobre o número da antiga população do Haiti. Alguns falam de um milhão, outros até três (...) Oitocentos mil almas é um número que comportam o espaço do país e a facilidade de subsistir, até para selvagens (nossa tradução) (NAU, 1854, p. 80).

[2] O suicídio dos Índios traduz, na história do Haiti, uma expressão de rejeição do sistema de opressão. Era a maneira mais pacífica para os Índios lutar. Além disso, ele consiste em uma autossanção que eles se têm imposto a si mesmos como forma de resistência e de resposta à violência da escravidão.

[3] Os côlons, os capitães-generais Leclerc e Rochambeau tinham exercido tantas crueldades sobre os indígenas como estes se faziam, por assim dizer, uma virtude de tornar crime por crime aos Franceses. Eles se tornavam tanto ferozes quanto seus perseguidores. Pode-se admirar-se das vinganças exercidas por aquele que a escravidão tornou cruel? Porém, quanto ao general Rochambeau, ele pertencia a um povo envelhecido na civilização (nossa tradução).

[4] A colônia francesa de Santo Domingo, parte ocidental da ilha do Haiti, nos pareceu inserida numa rede internacional de conflitos entre os maiores potências da Europa, rivalizando pela dominação do comércio do planeta e pela exploração dos seus recursos humanos e materiais. Temos associado o advento da liberdade de 1794 na colônia de Santo Domingo ao movimento das Luzes da Europa, às comoções sociais e políticas que sacudem a França desde 1789, e às guerras da revolução francesa que acontecem em 1792 e 1793 (nossa tradução).